

PLURALIDADES DE SIGNIFICAÇÃO DA NATUREZA A PARTIR DAS PERCEPÇÕES SOCIOAMBIENTAIS DA PRAIA DA CINELÂNDIA

PLURALITIES IN MEANINGS OF NATURE WITHIN THE SOCIOENVIRONMENTAL PERCEPTIONS OF 'PRAIA DA CINELÂNDIA' BEACH

PLURALITÉS DU SENS DE LA NATURE À PARTIR DES PERCEPTIONS SOCIALES ET ENVIRONNEMENTALES DE LA PLAGE DE CINELÂNDIA

Cae Rodrigues¹
Vanei Pimentel Santos²
Marina de Souza Sartore³

Manuscrito recebido em: 31 de março de 2023.

Aprovado em: 27 de agosto de 2023.

Publicado em: 19 de novembro de 2023.

Resumo

O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada na Praia da Cinelândia, em Aracaju, Sergipe, tendo como objetivo mapear as percepções socioambientais da praia a partir de suas estruturas de ocupação (físicas e simbólicas). Os dados foram coletados a partir de três instrumentos de campo: (a) observações sistemáticas diretas do local, com registros fotográficos e em diário de campo; (b) questionário sociodemográfico; e (c) entrevistas estruturadas com frequentadores e comerciantes da praia. Os dados sociodemográficos foram analisados quantitativamente e os dados dos diários de campo e entrevistas foram analisados a partir do método de Análise Textual Qualitativa. Entre os principais resultados da pesquisa, destaca-se: (a) a ocupação da Praia da Cinelândia é heterogênea, especialmente aos finais de semana, constituindo um território de pluralidades; (b) a heterogeneidade da Praia da Cinelândia resulta em uma cartografia social que reúne diferentes percepções socioambientais sobre a praia, sendo palco de atribuições morais contraditórias sobre os sujeitos da ocupação e os usos do território; (c) há uma tensão evidente sobre a limitação do acesso à população de baixa renda, com notável gentrificação simbólica; (d) no que tange aos comerciantes, há uma tentativa por parte do poder público de limitar o processo de ocupação, porém, de forma desorganizada; (e) a formulação de políticas públicas específicas para a gestão dos espaços da praia da Cinelândia podem ser representativas como importante processo ecopedagógico no qual diferentes atores que frequentam a praia podem ser incluídos nas decisões que terão influência direta nas percepções socioambientais desse espaço.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, com Pós-Doutorado pela La Trobe University e pela University of the Sunshine Coast. Professor no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7519-838X> Contato: caerodrigues@academico.ufs.br

² Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Sergipe. Enfermeiro no Hospital Universitário Alcides Carneiro.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8584-9457> Contato: vaneipimentel@hotmail.com

³ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos, com Pós-doutorado pela University of the Sunshine Coast e pela Royal Melbourne Institute of Technology University. Professora no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7935-4105> Contato: marinass@academico.ufs.br

Palavras-chaves: Litoral; Políticas públicas; Justiça ambiental; Território; Mercado do lazer.

Abstract

The paper presents a research at Praia da Cinelândia, a beach in Aracaju, Sergipe (Brazil), which aimed to map the socioenvironmental perceptions of the beach looking at its (physical and symbolic) structures of occupation. Three field instruments were used to collect the data: (a) direct systematic observations with photographic records and notes in field diaries; (b) sociodemographic questionnaire; and (c) structured interviews with beach goers and business owners placed on the beach. Sociodemographic data were analyzed quantitatively and data from the field diaries and interviews were analyzed using Qualitative Textual Analysis. Among the results we highlight: (a) the occupation of Praia da Cinelândia is heterogeneous, especially on weekends, constituting a territory of pluralities; (b) the heterogeneity results in a social cartography that brings together different socioenvironmental perceptions about the beach, setting the tone for contradictory moral attributions about the people that occupy the space and about the uses of the territory; (c) there is an evident tension about the limited access to the low-income population, with notable symbolic gentrification; (d) with regard to the business owners placed on the beach, there is an attempt by the government to limit the occupation process, however, in a disorganized fashion; (e) the formulation of specific public policies for the management of spaces on the Praia da Cinelândia can represent an important ecopedagogical process in which different actors who go the beach regularly can be included in decisions that will have direct influence on the socioenvironmental perceptions of that 'place'.

Keywords: Coast; Public policies; Environmental justice; Territory; Leisure Market.

Résumés

L'article présente une enquête réalisée à Praia da Cinelândia (Brésil), dans le but de cartographier les perceptions socio-environnementales de la plage à partir des leurs structures d'occupation (physiques et symboliques). Les données ont été recueillies à partir de trois instruments de terrain : (a) des observations systématiques directes du site, avec des enregistrements photographiques et dans un journal de terrain ; (b) questionnaire sociodémographique ; (c) des entretiens structurés avec des baigneurs et des commerçants. Les données sociodémographiques ont été analysées quantitativement et les données des journaux de terrain et des entretiens ont été analysées à l'aide de la méthode d'analyse textuelle qualitative. Les résultats de la recherche sont: (a) l'occupation de Praia da Cinelândia est hétérogène, en particulier le week-end, la constituant comme un territoire de pluralités ; (b) l'hétérogénéité se traduit par une cartographie sociale qui rassemble différentes perceptions socio-environnementales sur la plage, étant le théâtre d'attributions morales contradictoires sur les sujets d'occupation et les usages du territoire ; (c) il y a une tension évidente sur la limitation de l'accès à la population pauvre, avec une gentrification symbolique notable ; (d) en ce qui concerne les commerçants, il y a une tentative du gouvernement de limiter l'occupation, mais de manière désorganisée ; (e) la formulation de politiques publiques pour la gestion des espaces sur la Praia de Cinelândia peut représenter un processus éco-pédagogique dans lequel différents acteurs qui fréquentent la plage peuvent être inclus dans les décisions qui auront une influence sur le perceptions de cet espace.

Mots-clés: Côte; Politiques publiques; Justice environnementale; Territoire; Marché des loisirs.

Introdução

A praia é um território peculiar, uma fronteira estreita entre a terra e o mar e, em contextos urbanos, entre a cidade e a natureza ‘selvagem’. A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que 40% da população mundial mora a menos de 100 quilômetros do mar (ONU, 2017) e que 80% de todas as atividades turísticas do mundo ocorre em áreas costeiras (ONU, 2020). O Brasil tem alta densidade demográfica no litoral brasileiro e o turismo de sol e mar é o principal motivo de viagem tanto de brasileiros que vivem no Brasil quanto de estrangeiros (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2020; 2022). Esses dados são importantes não apenas para o setor turístico. Na Austrália, por exemplo, onde 87% da população mora a menos de 50km do litoral (AUSTRALIA STATE OF THE ENVIRONMENT, 2021), há uma série de estudos que evidenciam como o viver perto do litoral (*on the edge* – ‘à beira’) interfere na formação da cultura e na produção de significações sobre o meio ambiente (WINTON, 1993; DREW, 1994; HUNTSMAN, 2001).

Vista como território, ou seja, abrangendo as inter-ações de quem a (co)habita e sendo influenciada pelas relações de poder na qual desenham-se diferentes representações espaciais e de uso (SANTOS, 2006), a praia apresenta ricas oportunidades de estudos sobre as relações ser humano-natureza a partir das mais diversas linhas investigativas. Entre elas, há um corpo de investigação emergente (ver SARTORE; COFFEY, 2019) mais voltado para análises sobre as representações sociais de praia e natureza que são construídas em diferentes contextos geo-epistemológicos (CANAPARO, 2009) de praia, incluindo relações diretas entre estas representações com fenômenos particulares, tais como educação, lazer, mercado, etc.

A partir deste contexto, o presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada na Praia da Cinelândia, uma das praias mais frequentadas da Orla de Atalaia, trecho mais urbanizado do litoral de Aracaju, no estado de Sergipe. Com base na premissa de que a natureza se faz presente em diferentes níveis de complexidade e extensão em espaços públicos, como a praia, a pesquisa teve como objetivo mapear as percepções socioambientais da Praia da Cinelândia a partir das estruturas de ocupação (físicas e simbólicas) da praia. Os dados utilizados para este mapeamento foram coletados a partir de três instrumentos de campo: (a) observações sistemáticas diretas do local, com registros fotográficos e em diário de campo; (b) questionário sociodemográfico; e (c)

entrevistas estruturadas com frequentadores e comerciantes da praia. Os dados foram submetidos à análise quantitativa (dados socioeconômicos) e qualitativa (análise textual dos diários de campo e entrevistas).

A escolha pela Praia da Cinelândia para a realização da pesquisa justifica-se, especialmente, por sua pluralidade: (1) é uma das praias mais frequentadas da cidade de Aracaju, (2) possui uma diversidade ampla de estruturas físicas públicas e privadas e (3) tem uma frequência diversificada de público. Além da maior proximidade da Praia da Cinelândia com as partes centrais da cidade (em relação, por exemplo, às praias do litoral sul de Aracaju), a praia é uma das mais frequentadas do litoral aracajuano pela proximidade aos bairros de Atalaia (que está entre os metros quadrados mais caros da cidade) e Coroa do Meio, bairros com densidade populacional bem maior do que os próximos às praias do litoral sul. O acesso por ônibus é também facilitado por estar relativamente próxima ao terminal de ônibus (1,6 kms). Além disso, a praia possui estruturas de acesso (passarela de madeira até a praia) e permanência (*food trucks*; barracas de praia; chuveiro; quadras esportivas). A praia também comumente se transforma em local de festas, desde os encontros da juventude que acontecem com regularidade aos domingos até grandes eventos com palcos armados na areia para shows musicais e para a festa de réveillon da cidade, além de ser o local de partida dos carros elétricos da festa de pré-carnaval de Aracaju (Pré-Caju).

Essas características fazem da Praia de Atalaia não só uma das mais frequentadas da Orla de Aracaju, mas também uma das mais heterogêneas em relação ao público presente, comumente reunindo pessoas de diferentes contextos socioeconômicos. A compilação de algumas falas dos comerciantes da praia demonstra essa realidade:

Aqui varia né, vem o pessoal turista e o pessoal do bairro.
É mais da cidade, mas tem turista também.
A maioria aqui de Aracaju mesmo.
Turistas e em época de verão né. E no inverno, são os locais né.
Sempre os nativos que frequenta.
Quem compra aqui, é o pessoal daqui da cidade mesmo. O pessoal de fora, turista vem pouco para aqui.
Rapaz! Aqui é o povão, entendeu?
É o povão né, também os moradores né, daqui da capital.
Ai entre o turista o povão do local também. Mas o público maior é o daqui.
Turista! A maioria aqui na Orla é turista.
O turista vem de vez em quando passear né. Mais é morador.
(Comerciantes).

Essa heterogeneidade torna o espaço altamente relevante para a compreensão das pluralidades de percepções socioambientais da praia, sendo um microcosmo das pluralidades de interação ser-humano natureza. Compreendemos, assim, que a Praia da Cinelândia (a) é um potente espaço de interações socioambientais, (b) que se conforma socialmente como um espaço significado entre imaginários de ‘natureza selvagem’ e de ‘ambiente urbano’ e (c) que as pessoas, ao ocuparem este espaço, são condicionadas por estruturas físicas e simbólicas que afetam estes processos de significação.

Nesse sentido, as territorialidades como as que ocorrem na Praia da Cinelândia são materialidades dos valores dominantes da sociedade vigente. Como tal, são normativas e condicionantes na maneira como (re)produzem esses valores ao (re)forçarem experiências padronizadas por representações coletivas que significam o espaço. Tais características se fazem presentes em muitas outras praias, especialmente urbanas, ao redor do planeta (reconhecendo-se de antemão as distintas particularidades culturais em diferentes contextos geo-epistemológicos). De um lado, temos as distintas legislações que incidem sobre o espaço urbano, assim como as estruturas físicas que são pensadas por experts de planejamento urbano. De outro, temos as percepções e as formas concretas de ocupação. Neste estudo, apresentamos as percepções da relação ser-humano-natureza na Praia da Cinelândia para a discussão maior sobre a configuração de praias urbanas como espaços públicos de interação social.

Prefácio teórico

A presença de estruturas físicas, como as estruturas organizadas de equipamentos comerciais e de lazer presentes na Praia da Cinelândia, é relevante para a análise das percepções socioambientais, pois ao mesmo tempo em que tais estruturas oferecem uma variedade de estímulos de movimento que são potencialmente convertidos em significações específicas de praia e de natureza, também limitam as experiências de movimento de acordo com o que é projetado e imaginado nas estruturas (RODRIGUES, 2018; 2019a). Há também uma relação direta entre as estruturas físicas presentes no local e as oportunidades de acesso ao local, relação sensível a questionamentos sobre como tais estruturas facilitam o acesso (dimensão especialmente física das estruturas) e como (e a quem) tais estruturas potencialmente limitam o acesso (dimensão especialmente

simbólica das estruturas). Nesse sentido, questões sobre como as estruturas presentes na Praia da Cinelândia influenciam as experiências dos frequentadores e o quanto essas influências possuem um direcionamento ecológico⁴ são de interesse da pesquisa realizada.

Já a escolha por uma praia frequentada por um público heterogêneo se justifica pela ideia de que as percepções sobre a praia, tratando-se de construções sociais, sofrem influência da temporalidade e do complexo interativo mediado pelos sujeitos sociais que a frequentam. Desse modo, as histórias de vida dos indivíduos que frequentam e comercializam na praia, em suas amplitudes sociais, culturais e econômicas, são significativas na elucidação dos processos de interação ecológica despertados pelo uso coletivo da praia. Em uma perspectiva ‘rizomática’, expressa por Deleuze e Guattari (1995), a frequência dos territórios urbanos é permeada por uma lógica de capilaridade na qual o sujeito experiencia individualmente o território físico ao mesmo tempo em que é afetado pelo sistema de signos sociais que produz sua realidade simbólica. Este processo de ‘territorialização’ acontece na medida em que o indivíduo se conecta com a diversidade existente, com os outros e com os diferentes fluxos que se deparam.

Nesta perspectiva, as histórias dos seres humanos são o resultado de trajetórias distintas, mas que se conectam através da ‘com-vivência’⁵, evidenciando-se o movimento constante e transformador de seres que não são objetos estáticos ao mundo, mas sim seres que estão sendo-ao-mundo, a partir de suas interações (STEVAUX; RODRIGUES, 2012). Nesse movimento de com-vivência e inter-ação constante e contínuo o indivíduo faz suas ‘leituras de mundo’ (FREIRE, 2013), assim significando seu mundo-próprio. Esta base filosófica é sustentada por correntes fenomenológicas, tais como a fenomenologia da percepção (MERLEAU-PONTY, 1996) e a Ciência da Motricidade Humana (SÉRGIO, 2003); e ecofenomenológicas, tais como a ecomotricidade (RODRIGUES, 2018; 2019a), a fenomenologia do corpo (INGOLD, 2000; 2011) e a própria ecofenomenologia (BROWN; TOADVINE, 2003).

⁴ Por ‘ecológico’ entende-se a prevalência ecosomaestética-ambientalmente ética-ecopolítica (mais sobre essa tríade em: PAYNE, 2013; 2015; PAYNE et al., 2018).

⁵ ‘A proposta de apresentar o termo dessa maneira justifica-se pela necessidade de enfatizar o caráter humano implícito na expressão, ou seja, enfatizar o “viver com”, que significa considerar a complexa teia de relações de seres humanos sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo. Importante salientar o caráter dinâmico da expressão, apresentado especialmente pelo uso do hífen (bastante comum na fenomenologia), pois homens e mulheres não são no mundo, como objetos estáticos, estão sempre sendo ao mundo, num movimento constante e transformador’ (STEVAUX; RODRIGUES, 2012, p.5)

Materiais e métodos

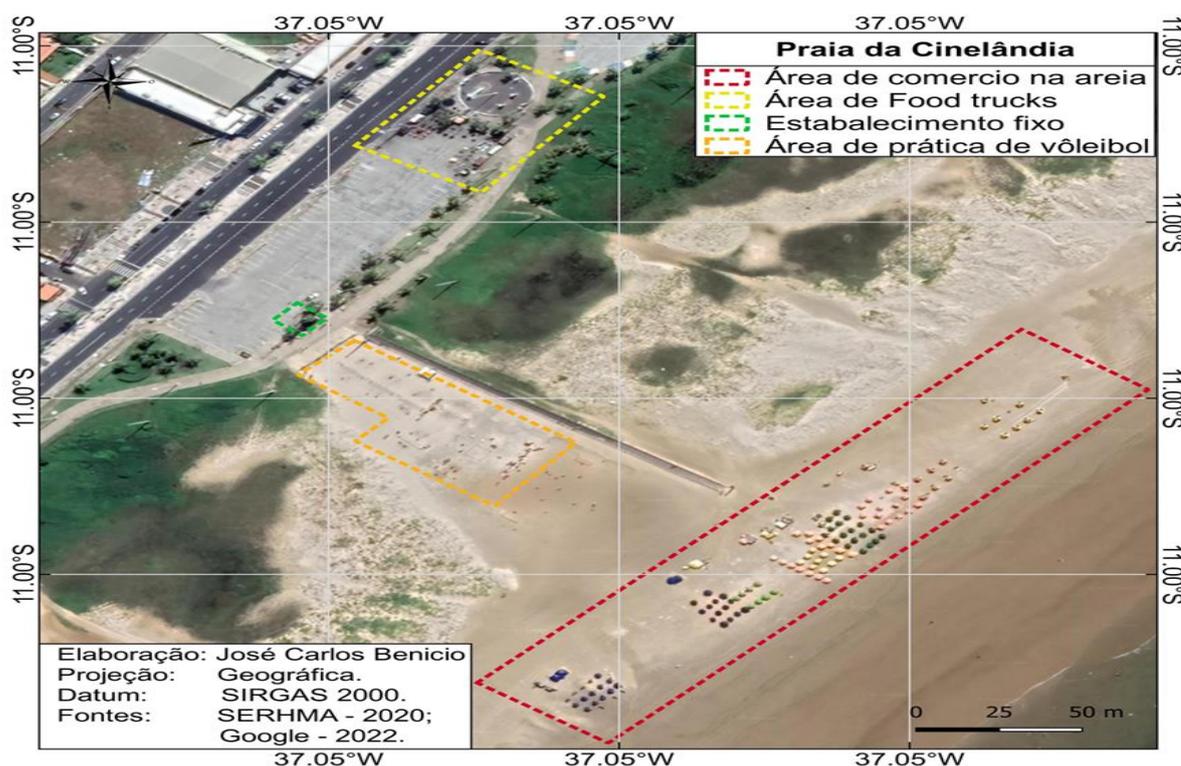
A pesquisa teve como recorte espacial o território da Praia da Cinelândia, situada na Orla de Atalaia, bairro urbano da cidade de Aracaju. A Praia da Cinelândia é frequentada por moradores do bairro de Atalaia e por visitantes que acessam a praia por via asfaltada por veículo próprio ou contratados por aplicativo (há estacionamento na frente da praia), por ônibus (terminal a 1,600 metros de distância) ou pela ciclovía que conecta a orla a outras regiões da cidade (ainda que haja trechos sem conexão). A praia fica na região da orla conhecida como “Passarela do Caranguejo”, trecho com grande presença de estabelecimentos que oferecem alimentação e hospedagem, além de outros serviços.

No território específico da Praia da Cinelândia, recorte da pesquisa, há presença de diferentes estruturas que oferecem serviços pagos e gratuitos. Entre as estruturas que oferecem serviços pagos destacamos: *food trucks* e quiosques de bebidas ao redor do estacionamento e as barracas na areia da praia (pontilhados amarelo, verde e vermelho da Figura 01). Entre as estruturas que oferecem serviços gratuitos destacamos: as quadras de areia para prática de esportes de praia (pontilhado laranja na Figura 01) (ainda que também sejam usadas para aulas particulares pagas, o uso das quadras é gratuito), a passarela de madeira para acesso à praia (ao lado das quadras na Figura 01) e as duchas de água doce na saída da passarela para a orla.

A população do estudo foi composta por frequentadores e comerciantes da Praia da Cinelândia com idade igual ou superior a 18 anos. A coleta de dados foi realizada em dias diferentes da semana (incluindo dias úteis e finais de semana) e em diferentes horários do dia para uma compreensão mais ampla das dinâmicas de ocupação do território. No caso dos comerciantes, foi feita tentativa de entrevistar a totalidade do universo presente – comerciantes de 08 *food trucks* (que ocupam lugares fixos no estacionamento), 01 estabelecimento fixo (quiosque) e 25 barracas de praia (estruturas móveis instaladas e desinstaladas diariamente), totalizando 30 colaboradores. A maior parte dos comerciantes que não se dispuseram a participar da pesquisa justificou a negativa por falta de tempo ou por não serem os proprietários dos empreendimentos (ainda que comunicados que isso não seria um problema). Já a escolha dos frequentadores foi realizada de maneira

aleatória, pela percepção que seriam pessoas que possivelmente estivessem com tempo para realizar a entrevista. A maior parte dos frequentadores que não se dispuseram a participar da pesquisa justificou a negativa também pela falta de tempo e pela exposição ao sol, uma vez que as entrevistas foram realizadas ao ar livre. A partir destes critérios de seleção, o estudo foi realizado a partir de uma amostra com 23 pessoas, sendo 14 frequentadores e 08 comerciantes que oferecem serviços pagos na Praia da Cinelândia. Visando preservar a identidade dos sujeitos optou-se em denominar cada sujeito com um nome figurado inspirado em elementos constituintes de processos de ocupação da praia. Neste artigo as falas serão identificadas como sendo de ‘comerciantes’ ou de ‘frequentadores’.

Figura 01: Mapa de localização e de estruturas físicas da Praia da Cinelândia.



Fonte: Elaboração de José Carlos Benicio a partir de dados coletadas da SERHMA (2020) e imagens do Google Maps (2022).

O corpus do estudo foi elaborado a partir de três instrumentos:

(1) Diários de campo a partir de observações diretas *in loco*, incluindo captação de imagens de referência. Para os registros fotográficos do território da Praia da Cinelândia foi utilizada máquina fotográfica para registrar os espaços de interesse da pesquisa, incluindo todo o ambiente ao entorno da praia. O objetivo foi mapear geograficamente o espaço para dar subsídios à discussão teórica do estudo (CULLEN, 1983). Além das imagens fotográficas, o diário de campo foi composto por descrições das interações observadas durante as visitas de campo, compreendendo que o fenômeno é o que se mostra ao pesquisador que tem a intenção de compreendê-lo como resultado de uma interrogação. Após uma primeira visita ao local com olhar mais abrangente, o seguinte roteiro foi elaborado como diretriz para os diários de campo: (a) Fotografar espaço do estacionamento e faixa de areia; (b) Fotografar equipamentos de lazer; (c) Fotografar dispositivos do território; (d) Fotografar infraestrutura local; (e) Fotografar locais com alto potencial de interações ser humano-natureza; (f) Observação livre e registro em diário de campo. Nessa etapa, não houve interação com pessoas. Após finalizados, todos os elementos dos diários de campo foram transformados em narrativas correntes em formato de texto.

(2) Questionário sociodemográfico visando a contextualização social dos colaboradores, tendo como roteiro: (1) Idade; (2) Sexo; (3) Escolaridade; (4) Profissão; (5) Auto declaração de cor; (6) Estado Civil; (7) Religião; (8) Auto avaliação sobre situação econômica; (9) Renda familiar mensal; (10) Bairro onde mora; (11) Moradia (própria ou outra); (12) A quanto tempo você possui comércio nesse espaço? (apenas comerciantes); (13) Turista ou morador? (apenas frequentadores); (14) A quanto tempo você frequenta esse espaço? (apenas frequentadores); (15) Com qual frequência você vem a esse espaço? (apenas frequentadores).

(3) Entrevista com questões abertas com os colaboradores selecionados para participação na pesquisa. Os colaboradores foram pessoas que frequentavam ou que trabalhavam na Praia da Cinelândia no momento da pesquisa. Durante as entrevistas os sujeitos foram convidados a narrarem sobre suas experiências na Praia da Cinelândia. Os colaboradores foram convidados a participar da pesquisa

após receberem as informações sobre o estudo, sendo feita também a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que institui as orientações éticas da pesquisa. As entrevistas foram feitas de modo oral e in loco, sendo gravadas em formato de áudio com utilização do celular. Posteriormente, os áudios foram transcritos, sendo os textos totalmente fiéis às falas originais.

A entrevista com os comerciantes tinha como foco principal (a) as dinâmicas de ocupação física da praia e (b) percepções sobre a Praia da Cinelândia de quem vivencia o território cotidianamente, tendo como roteiro: (1) Fale sobre sua história como comerciante aqui na praia da Cinelândia; (2) Quem você diria que é o público alvo de seu comércio?; (3) Você precisou de alguma autorização para se instalar neste espaço? Quem precisou autorizar?; (4) Atualmente, você precisa de alguma autorização para manter seu comércio neste local? Quem precisa autorizar? Como é feita a fiscalização?; (5) Você precisou pagar alguma taxa para se instalar neste espaço? Para quem está taxa foi paga?; (6) Atualmente, você precisa pagar alguma taxa para se manter neste espaço? Para quem está taxa é paga? Como é feita a fiscalização?; (7) Você tem um prazo de tempo que pode ocupar este espaço ou é por tempo indeterminado? Quem define este prazo? Como é feita a fiscalização?; (8) O que mudou na praia da Cinelândia desde sua chegada até hoje?; (9) Você mudaria alguma coisa na praia da Cinelândia? Por quê promoveria esta mudança?

A entrevista com os frequentadores tinha como foco principal as narrativas sobre suas vivências na Praia da Cinelândia e percepções sobre o território, tendo como roteiro: (1) Você vem para a praia da Cinelândia para fazer o quê, exatamente?; (2) Por que você escolhe vir à praia da Cinelândia em relação a outras praias?; (3) Você mudaria alguma coisa na praia da Cinelândia? Por que promoveria esta mudança?; (4) Você gostaria que a praia da Cinelândia tivesse alguma coisa a mais do que tem hoje? O que, exatamente?; (5) E tem alguma coisa hoje na praia da Cinelândia que você gostaria que não tivesse? O que, exatamente?; (6) Você considera o espaço da praia da Cinelândia de acesso público e gratuito?; (7) Você vê alguma dificuldade de acesso à praia da Cinelândia?; (8) Na praia da Cinelândia tem várias estruturas comerciais, por exemplo, barracas de praia, *food trucks*, treinadores de esportes de praia, grupos de corrida de academias, etc. Em sua opinião, estas estruturas comerciais limitam ou estimulam o acesso das pessoas à praia?

Os dados sociodemográficos (coletados pelo instrumento 02) foram analisados quantitativamente, sendo apresentados a partir de representações gráficas dos percentuais relativos. Os dados dos diários de campo e entrevistas (coletados pelos instrumentos 01 e 03) foram analisados a partir do método de Análise Textual Qualitativa (ATQ), proposta por Moraes (2003). A ATQ transita entre a análise de conteúdo e a análise de discurso atribuindo ao autor o processo de interpretação de significados para o embasamento e a produção de um texto final. O método objetiva a (re)construção de conhecimentos a partir de compreensões que emergem sobre o tema estudado perpassando por cinco etapas, a saber: unitarização, categorização, descrição, interpretação e argumentação.

Unitarização é o processo de atribuição de significados a unidades dentro do texto maior, observados os passos: seleção do corpus, desmonte dos textos e codificação das unidades de significado (atribuição de títulos). Na categorização as unidades de significado são organizadas, ordenadas e agrupadas em categorias que objetivam expressar compreensões dos fenômenos investigados; cada categoria é nomeada e apresentada descritivamente e interpretativamente em seu conjunto. Na etapa de descrição possíveis elementos emergentes dos textos analisados são apresentados a partir das categorias criadas, sendo utilizados recortes dos textos originais produzidos pelos sujeitos da pesquisa. Na etapa de interpretação os dados empíricos dialogam com pontos significativos do referencial teórico, criando-se relações entre as descrições empíricas e os aspectos teóricos da pesquisa bibliográfica. Finalmente, na etapa de argumentação apresentam-se as conclusões emergentes da análise, incluindo intuições que não foram previstas durante o processo e a construção de um metatexto de caráter descritivo do todo analítico da pesquisa, entrelaçando o campo empírico, teórico e de percepções do investigador.

Além do metatexto proveniente da ATQ, os dados da pesquisa referentes às observações diretas foram representados por um mapa mental criado a partir da cartografia social do território, evidenciando-se as dinâmicas de ocupação da Praia da Cinelândia através da perspectiva de diversos sujeitos. Os mapas mentais reúnem pontos significativos referentes a interações observadas durante as visitas à Praia da Cinelândia. A cartografia social é um instrumento metodológico que visa a construção de mapas levando-se em consideração múltiplas dimensões, englobando o saber coletivo e

participativo necessário para a produção do conhecimento presente no território (SILVA; SCHIPPER, 2012). A cartografia da relação ser humano-natureza na cidade evidencia sensibilidades desta relação para além das características topográficas de naturezas urbanas, envolvendo percepções e significações que envolvem construções antropológicas, sociais, históricas, biológicas e geográficas (SANTOS; SILVA, 2015).

Figura 02: Mapa mental destacando cartografia social da Praia da Cinelândia.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Resultados e discussão

O mapa mental apresentado como Figura 02 ao final da última seção demonstra a complexidade do território investigado e a diversidade de problemáticas que podem ser levantadas como foco de discussão em estudos que abordam as relações ser humano-natureza a partir das interações vivenciadas na praia. Considerando que o mapa mental é apenas um recorte da realidade possibilitado pelo levantamento de dados proposto na pesquisa, compreendemos que a complexidade do território e o potencial de estudos é ainda maior do que o evidenciado pelo mapa. Desse modo, focaremos nesta seção de apresentação e discussão dos resultados em evidências que destacamos como muito

significativas diante do quadro geral de dados coletados considerando o objetivo do estudo, a saber, a investigação sobre as percepções socioambientais da Praia da Cinelândia a partir do mapeamento das estruturas de ocupação (físicas e simbólicas) da praia.

Para este fim, descreveremos categorias significativas ao objetivo proposto e apresentaremos alguns dados empíricos pontuais da pesquisa para dar sustentação às descrições. Considerando a limitação de caracteres desta publicação, não apresentaremos uma seção específica com os dados quantitativos, relativos ao questionário sociodemográfico. Importante registrar que os dados quantitativos confirmam a pluralidade demográfica dos frequentadores da Praia da Cinelândia. Os dados da pesquisa são apresentados em sua totalidade na dissertação de mestrado de Santos (2022).

Para início de conversa, a Figura 03 mostra um mosaico de palavras construído no software ‘WordClouds.com’ a partir de todos os discursos dos colaboradores da pesquisa, frequentadores e comerciantes.

Figura 03: Mosaico de palavras elaborado a partir dos discursos dos colaboradores da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Se considerarmos apenas as três palavras que mais se destacam no mosaico chegamos a uma definição bastante representativa do território: a natureza como espaço público. Mas o que isso significa, exatamente? E qual seria o valor da apreensão da natureza

como espaço público? As palavras que aparecem com menor destaque no mosaico evidenciam características importantes da natureza como espaço público na percepção dos colaboradores: urbano ou intocável, meio (ambiente) sociocultural de práticas, de contato, de vivências, de socialização, de recursos; com isso, de problemáticas, especulações, explorações, discriminações; local de lazer, de autocuidado, de saúde, de contemplação, de atividade física; sendo importante regulação, segurança, estrutura, acesso. Contrastando o mosaico com o mapa mental apresentado como Figura 02 podemos observar muitos pontos em comum. As categorias que serão apresentadas nesta seção desenvolvem alguns destes pontos como conclusões importantes da pesquisa. Mas antes de apresentar as categorias descreveremos termos-chave usados na discussão na maneira como foram significados pelos colaboradores da pesquisa. Esta conceituação foi elaborada pelos autores com base nos discursos dos colaboradores da pesquisa.

- ✓ **Prática de atividade física** – Interações com o ambiente com intencionalidade à saúde, especialmente associado a modalidades esportivas.
- ✓ **Autocuidado** – Interações com o ambiente com intencionalidade à estética corporal ou relaxamento.
- ✓ **Socialização** – Interação entre sujeitos, especialmente de classes sociais diferentes.
- ✓ **Natureza ‘natural’** – Ambiente livre de intervenções humanas.
- ✓ **Estrutura local** – Arcabouços físicos que possibilitam interações diversas com o ambiente.
- ✓ **Problemáticas ambientais** – Impactos advindos das intervenções humanas no ambiente.
- ✓ **Segurança pública** – Conjunto de normas que devem ser seguidas para garantir o bem-estar social.
- ✓ **Regulação de acesso ao espaço** – Estabelecimento de regras que limitam o direito a ocupar, estar ou permanecer no espaço.
- ✓ **Acesso** – Possibilidade física e simbólica de adentrar uma realidade.
- ✓ **Acessibilidade** – Facilidades estruturais encontradas no espaço que o torna inclusivo.

A Praia da Cinelândia como intencionalidades de interação

Partindo de uma perspectiva fenomenológica, as significações de praia estão intimamente associadas às intencionalidades dos indivíduos ao interagir com o espaço da praia. Por exemplo, as significações da Praia da Cinelândia podem ser bem diferentes para um surfista, para um pescador, para um turista e para um comerciante que ali trabalha. A intencionalidade condicionante das interações de cada um desses atores com a praia define, em grande medida, as significações da relação ser humano-natureza possíveis e presentes. O Quadro 01 apresenta algumas unidades de significado que evidenciam intencionalidades de interação dos colaboradores da pesquisa (frequentadores) com a Praia da Cinelândia.

Quadro 01: Unidades de significado que evidenciam intencionalidades de interação dos colaboradores da pesquisa com a Praia da Cinelândia.

ATIVIDADE FÍSICA	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Eu vou caminhar. ✓ Eu venho na praia da Cinelândia para surfar e dar aula de surf. ✓ Eu venho para aproveitar o espaço de vôlei. ✓ Jogar bola. ✓ E na maioria das vezes para pedalar. ✓ Treino um pouquinho na frente da praia. ✓ Mas pela semana eu acho mais tranquilo para fazer caminhada para surfar. ✓ Meu treino de funcional que fica logo a frente da praia da Cinelândia.
AUTOUIDADO	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Me bronzear. ✓ O lugar pra relaxar é aqui, quando estou estressada. ✓ É o lugar para relaxar. ✓ Então, pela questão de ir à praia, eu vou querer um dia de lazer. ✓ Então, atualmente eu tenho vindo para a praia da Cinelândia com o intuito de relaxar. ✓ Eu venho pra cá tomar banho, descansar e começar o dia.
SOCIALIZAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estar com os amigos. ✓ Passear com o cachorro. ✓ É uma praia mais conhecida ✓ É uma praia que tem maior quantidade de pessoas ✓ Na verdade, eu acho a praia da Cinelândia movimentada ✓ Eu acho o ambiente da praia da Cinelândia interessante, porque mistura públicos diferentes, galeras diferentes ✓ A gente vai conseguindo ver vários grupos de pessoas diferentes, etnias diferentes, de guetos diferentes, eu acho massa. ✓ Eu acho que o ambiente da praia da Cinelândia, eu acho interessante, porque mistura públicos diferentes, galeras diferentes, então, você acaba vendo na praia da Cinelândia, é ... Um público diverso assim.

Fonte: Elaborado pelos autores.

As unidades de significado nesta categoria foram divididas em 03 grandes grupos: atividades físicas, autocuidado e socialização. A praia como local propício para atividades físicas é uma concepção bem sustentada na modernidade, como evidenciado pela propaganda da Orla Sul (Figura 04), projeto em construção que dá continuidade à Orla de Atalaia no sentido do litoral sul de Aracaju. Aliás, a relação mais ampla entre natureza e atividade física é bem consolidada na modernidade, especialmente como evolução das escolas de educação ao ar livre (por exemplo, o escotismo e a *Outward Bound*) e dos esportes na natureza (RODRIGUES, 2019b).

Figura 04: Outdoor na Praia da Cinelândia associando a praia com a prática de atividades físicas.



Fonte: Acervo da pesquisa.

Do mesmo modo, a natureza como fonte de inspiração para o relaxamento e para a meditação vem se consolidando como discurso e prática desde os relatos românticos de exploradores escritores, como John Muir, Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau (Rodrigues, 2019b). Deste modo, não é grande surpresa que estas intencionalidades estejam muito presentes entre os discursos dos colaboradores. Em ambos estes casos, das atividades físicas e de autocuidado, há uma relação direta de interação com a natureza, inclusive como ações que dependem desta interação.

Já a perspectiva da socialização é construída a partir da percepção da Praia da Cinelândia como um território de partilhas culturais. Neste sentido, não há uma relação direta com a natureza, mas sim com o território social concebido como Praia da Cinelândia. Peyvel (2012) mostra a correlação entre as diferentes formas de interação na praia no Vietnã a depender do grupo que a frequenta: se são frequentadores domésticos, vão a uma praia com estrutura física, por exemplo, com um galpão. Se são turistas ocidentais, vão para outra praia, com estrutura física de guarda sóis mais isolados, preservando uma experiência mais individualista. O que seria então o atrativo da Cinelândia para atrair pessoas para a socialização neste território? A descrição da próxima categoria levanta pontos significativos desta questão.

A Praia da Cinelândia como natureza

Natureza foi a palavra de maior destaque no mosaico apresentado como figura 03. A relação entre praia e natureza pode parecer óbvia, mas se considerarmos a multiplicidade de significações possíveis para a praia a partir de diferentes intencionalidades de interação (como discutido na categoria anterior), a associação da praia predominantemente como natureza é importante e significativa. Especialmente tratando-se de uma praia urbana e considerando que a palavra natureza não foi utilizada nas perguntas do roteiro de entrevista (ou seja, não havia uma tendência dirigida pelas perguntas para esta significação). O Quadro 02 evidencia algumas sutilezas importantes das associações entre praia e natureza identificadas nos discursos dos frequentadores da Praia da Cinelândia.

Quadro 02: Unidades de significado que evidenciam associações entre praia e natureza.

NATUREZA 'NATURAL'	<ul style="list-style-type: none">✓ É... a natureza natural, digamos assim. Não a natureza artificializada, seria essa perspectiva.✓ Era bom que a areia da praia não fosse ocupada nesse sentido, se instalarem bares, aqueles quiosques lá na areia da praia, não acho isso legal.✓ Para que a natureza fosse mais preservada.✓ Que tivesse menos pessoas, se fosse possível. Para ter mais silêncio, menos movimentação, menos poluição visual, só ter realmente a natureza.✓ Eu acho que precisa tirar aqueles barzinhos ali da areia.✓ Gostaria que não tivesse as barracas de praia na areia da praia, os quiosques.✓ Não, eu acredito que não mudaria, porque aqui eu acredito que você ver a praia como ela deve ser, né?! Sem estrutura.
-------------------------------	---

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ É você com o pé na areia, somente cadeira de praia e uma tenda, eu acho que a essência da praia vem daí. ✓ Agora para pessoas como eu, que prezam por algo mais isolado, algo mais privado, já não é um atrativo. ✓ Então, depende muito, né?! Aqui na areia da praia, eu acredito, como já falei, que não seja bacana, por que você tem uma intimidade com a praia, sem estrutura nenhuma, mais reservado. ✓ Eu gosto da área limpa, limpa que eu digo é livre de ambulantes, não ambulantes necessariamente, mas de coisas que se instalam e ocupam o espaço físico, é mais isso. ✓ Eu acho que o espaço fixo deveria ficar em cima mesmo, na calçada, mas na areia da praia eu não gostaria de ver espaço fixo ocupado. ✓ Às vezes para ficar na praia mesmo para que a gente tivesse mais contato com a natureza em si, com areia, com o acesso à praia, eu iria gostar mais disso. ✓ Você visualiza o mar, a margem da areia, então o mar é mais limpo, no sentido visual, não tem muitas barreiras entre mim e o mar. ✓ Eu vejo o mar muito mais aberto, então minha relação com o mar, tem mais sentido, desde a minha infância.
<p>ESTRUTUTURA LOCAL</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Então, eu costumo vim pra cá por causa do chuveiro, que depois das aulas é mais fácil os alunos tomarem um banho doce. ✓ Especificamente na praia da Cinelândia por causa do espaço de vôlei. ✓ É um ambiente que tem uma calçada longa. ✓ Ter uma estrutura melhor para os frequentadores. ✓ Estruturas de... de sanitários, estrutura mesmo, básica! ✓ Uns barzinhos mais arrumados, mais limpos, sei lá. ✓ Eu observo muito as comidas ali nos barzinhos e vejo que não tem água para lavar aquelas comidas, então como eles servem né? É questão de higiene, eu acho aqui muito sem estrutura básica. ✓ No aspecto de atendimento e da estrutura dele, tá tudo assim defasado né? ✓ Eu vou exemplificar algumas coisas aqui, atendimento, já tá muito assim, muito fraco o atendimento. ✓ Porque hoje em dia a gente só tem vôlei e surf aqui na Cinelândia, né. Dava pra colocar mais esportes, tênis beach, vôlei de areia dentre outros. ✓ Rapaz, aqui eu acho tranquilo, bacana, apesar de não ter uma estrutura. ✓ Então hoje em dia, como tem o calçadão novo, esse calçadão na minha opinião foi construído de uma forma que preservou o vento, a passagem do vento, por exemplo. ✓ E ao mesmo tempo você tem uma calçada ampla de extensão. ✓ Eu falo mais de extensão do que em largura, mas em extensão livre, então eu gosto dessa condição de caminhar de forma mais livre, na calçada. ✓ Eu adorei essa construção, amei. ✓ Não, eu acho que do jeito que tá, só falta melhorar, entendeu? ✓ Melhorar essa estrutura. ✓ Gostaria que tivesse mais esportes, incentivasse mais as pessoas virem à praia praticar esportes. ✓ Um posto de salva vidas, acho bastante importante, até porque tem um piscinão de água chegando ali mais para frente, acaba ficando meio plano, mas de repente afunda. ✓ As barracas poderiam ser mais organizadas. ✓ Porque aqui tem barraca, tem água de coco, tem as mercearias, tudo perto, eu acho que só mais isso mesmo.

	<ul style="list-style-type: none">✓ Estimulam, pois é meio que uma vitrine né? Para as pessoas irem participar e conhecer essas estruturas.✓ Algumas delas estimulam... Por exemplo, uma pratica de atividade física na praia, para quem gosta de atividade física pode ser estimulante.✓ Eu acho que estimula, porque de manhã, o pessoal pratica muito esporte aqui.✓ Eu faço caminhada seis horas da manhã e vejo muita gente praticando, acho que estimula.✓ Então muitas das vezes ela pode se interessar por alguma coisa, do tipo: Alguém tá fazendo atividade física, ela pode olhar e se interessar por aquilo.✓ E em questão dos bares, pela quantidade as pessoas tem uma preferência, ela pode simplesmente escolher qual bar ela gostaria de ir, assim como também as barraquinhas, é..., eu acho que é isso.✓ Estimulam o acesso das pessoas na praia. É... e hoje a gente gostaria de ver uma melhoria né, por que hoje essas barracas são removíveis.✓ Todos os dias a galera monta e desmonta, isso é um trabalho muito grande pra eles que tem que se deslocar pra vir montar, se aqui tivesse quiosques, como tem na Aruana, no mosqueiro, facilitaria né, a galera vir mais à praia.✓ De certa forma estimula, traz o bem-estar.✓ E o uso de esportes né, pra ir para pra praia, não só os banhistas.✓ Eu acho que estimula, mas do que limita. Né?✓ A princípio parece algo que estimula, porque tem essas coisas que surgem, aí um monte de gente vem atraído por isso.✓ Agora lá na parte de cima, na parte de concreto, acredito que sim, acredito que atrai o pessoal que as vezes vem lanchar, vem tomar uma água de coco, como eu mesmo né, vim ali treinar, aproveitei e vim na praia, então eu acredito que isso ai estimula o pessoal.✓ Hoje eu a acho ela mais interessante, em relação ao calçadão! Porque a praia não é só a parte do mar, né?! É tudo aquilo que envolve.
--	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

A perspectiva da Praia da Cinelândia como natureza evidencia muito bem a dicotomia nos discursos dos colaboradores sobre a presença ou não de estruturas na praia. Isso porque a estrutura pode ser considerada tanto atrativo como limitador do acesso à praia. Por um lado, a estrutura oferece maior acessibilidade e serviços que podem ser atraentes como diferentes formas de interação com o ambiente. Por outro lado, inevitavelmente ocupam um espaço físico na praia e delimitam as formas de interação com o ambiente no espaço ocupado, assim exercendo também barreiras simbólicas a partir da ocupação. Esta contradição já é evidenciada por Urbain (2002, p.269) quando demonstra que os franceses, ao serem perguntados sobre qual tipo de litoral com que sonham, respondem, em sua maioria, aquele no qual ‘a natureza seja preservada’. No entanto, no período da pesquisa (1991), 20% do litoral francês já era urbanizado.

Figura 05: Estrutura para prática de atividades físicas e esportes na areia.



Fonte: Acervo da pesquisa.

Figura 06: Estruturas comerciais fixas na Praia da Cinelândia.



Fonte: Acervo da pesquisa.

Por um lado, uma experiência de natureza associada ao conforto e ao consumo. Por outro lado, a natureza como paraíso intocado e reservado das páginas de revistas de turismo de natureza (nesse sentido, também idealizada como sonho de consumo).

Figura 07: Área da Praia da Cinelândia ocupada por barracas de praia.



Fonte: Acervo da pesquisa.

Figura 08: Praia da Cinelândia vazia ao amanhecer, antes da chegada das barracas de praia.



Fonte: Acervo da pesquisa.

Não é incomum, inclusive, que essa dicotomia apareça no discurso de uma mesma pessoa, que hora advoga pela estrutura para no momento seguinte compartilhar desejos por uma praia ‘selvagem’. Como afirma Urbain (2002), a moral ecológica de preservação da praia e a religião balneária coexistem e o desejo por ambas as coisas parece não ser algo contraditório no discurso de quem frequenta a praia. O mais interessante é compreender os conteúdos das falas para identificar o status atual da sobreposição entre a ideia (muitas vezes idealizada) de natureza selvagem e a forma de ocupação urbana do litoral. A fala de um dos comerciantes apresentada a seguir é um bom exemplo do dilema:

A princípio parece algo que estimula, porque tem essas coisas que surgem, aí um monte de gente vem atraído por isso, mas uma vez que essas coisas ficam estabelecidas e as pessoas se entendem como donas daquele pedaço, daquele ambiente, aí o efeito é inverso, porque você vê que aquelas pessoas que estão ali, controlando aquele ambiente, que eram atrativos, passam a regular o acesso aquele determinado ambiente. Então, eu acho que assim é uma faca de dois gumes, porque tem que se ficar atento, ao mesmo tempo em que quer que as pessoas prosperem na utilização do espaço, você também tem que ficar de olho, é... se isso é democrático e se isso não limita a circulação das pessoas, a partir de um determinado momento. Você vê bares aqui mais pra frente que a pessoa estabeleceu, o bar, a areia pública e de repente, aquela pessoa que estabeleceu o bar tal, já virou o dono da areia, ali ele tá circulando, daí agora ele passa a controlar e dizer: Não, o vendedor de amendoim não pode entrar aqui pra vender amendoim na minha areia. Da mesma forma isso pode acontecer aqui com muita facilidade, basta é... Que a falta de controle e a falta de uma visão democrática do espaço. E da noite para o dia já pode ter um bar ou um estabelecimento que controla o acesso, dizendo quem é que pode de fato circular na areia ou usufruir daquele espaço. (Comerciante).

A fala evidencia, a partir de um relato de quem vivencia o território e suas tensões, como a questão da ocupação do espaço público da praia por estruturas privadas está intimamente associada à construção social de ‘praia’, mais especificamente, ou de ‘natureza’, de maneira mais ampla. Há uma dimensão legal da questão, uma vez que compreendemos que as estruturas privadas na praia inevitavelmente limitam (fisicamente e simbolicamente) o acesso a um espaço que, segundo a constituição brasileira, deveria ser de acesso livre, irrestrito e gratuito (BRASIL, 1988). Mas, para além da questão legal, podemos abordar a questão como problemática socioambiental, uma vez que a presença ou não de estruturas privadas na praia coloca em evidência as percepções culturais de ‘praia’ e de ‘natureza’ em contextos específicos.

Ao mesmo tempo, a organização estrutural da praia influencia as interações ser humano-natureza nestes contextos específicos. Por exemplo, as praias na Austrália não possuem estruturas na areia, com a exceção de clubes de salva-vidas que prestam serviços para a comunidade (SARTORE; COFFEY, 2019). Aliás, a tentativa de inserção de estruturas na areia da praia na Austrália pelo setor privado é sempre recebida com forte resistência da comunidade, que reivindica o direito ao acesso livre e irrestrito à praia mantendo o espaço livre de estruturas físicas. Se as estruturas existem, devem ser moralizadas na forma de ‘*facility*’, em prol do público, como é o caso dos clubes de salva-vidas. Segundo Urbain (2002), a estrutura pública, como os exemplos do estacionamento, ciclovia e passarela com acesso à Praia da Cinelândia, promove uma transformação no sentido da urbanização, rompendo com os imaginários da praia/natureza ‘selvagem’; porém, contextualizam-se na seara do ‘bem público’, do acesso livre, irrestrito e gratuito ao espaço, ao contrário das estruturas privadas.

A partir deste exemplo comparativo, algumas perguntas importantes podem ser levantadas: Porque há essa resistência à construção de estruturas físicas na Austrália e não no Brasil? O que esta distinção evidencia sobre a concepção de praia e de natureza de australianos e brasileiros? Como a vivência cotidiana em uma praia australiana e brasileira influencia a concepção de praia e de natureza de seus frequentadores?

A Praia da Cinelândia como conflito

Porque tá tendo um público grande crescendo aqui, de muitos prédios e pessoas de uma classe social mais alta. Então essas pessoas não querem entrar em contato com os que sempre frequentaram aqui a praia, então como é que a gente faz agora para regular esse ambiente? (Frequentador).

A fala da epígrafe é de um frequentador que evidencia o crescente elitismo da Praia da Cinelândia. De fato, ao atravessar para o outro lado da avenida, em frente à praia, estão os apartamentos com maior valor do metro quadrado de toda a Orla de Aracaju. Há também uma academia de alto padrão e alguns restaurantes situados entre os prédios. Por outro lado, o jornal local (NUNES, 2021a; 2021b) denuncia a transformação da Cinelândia em ‘favelândia’, fazendo referência à ocupação desordenada das barracas de praia e dos *food trucks* que ocupam de forma irregular a área do estacionamento. Alguns dos conflitos resultantes deste choque de realidades socioeconômicas são evidenciados pelas unidades de significado do Quadro 03 com falas dos colaboradores frequentadores da Praia da Cinelândia.

Quadro 03: Unidades de significado que evidenciam conflitos na Praia da Cinelândia.

PROBLEMAS AMBIENTAIS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O que me deixa mais impactada aqui é a consciência da galera, principalmente no final de semana. ✓ Na segunda feira, quando eu venho dar aula, na praia você não consegue ver a areia direito, de tanto lixo. ✓ A gente encontra animais mortos, a maioria tartaruga por conta de canudos, plásticos e resíduos de plástico que a galera acaba deixando na praia. ✓ Acho que dia de sexta, sábado, domingo talvez, não sei o dia, mas existe uma ocupação nos fins de semana de exploração econômica. ✓ Mudaria, mudaria sim, a questão da consciência ambiental da galera. ✓ As barracas poderiam ser organizadas, pois fica uma poluição, uma bagunça, poluição visual. ✓ Eu sou engenheira de pesca, eu sei que existem muitos fatores de impacto ambiental, mas desde que tenha uma fiscalização, eu não vejo problema, entendeu?
SEGURANÇA PÚBLICA	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Eu até acho tranquilo, pela semana e tudo mais. ✓ Pela semana, final de semana até tem uns carros da polícia. Segurança pública. ✓ O carro da polícia fica ali parado, mas eu acho que pela semana é um pouco mais, eles deixam mais, tipo é.. Sem ninguém aqui né. ✓ É que no final de semana vira, como eu posso dizer, o povo vem pra beber e fazer baderna, acontece muito assalto, muita briga. ✓ O que o povo reclama aqui muito é questão de droga nesse ponto, né?
REGULAÇÃO DE ACESSO AO ESPAÇO	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O que às vezes eu acho esquisito é... Por exemplo, do meu ponto de vista. Eu acho esquisito que... O jeito que a prefeitura, o estado tenta se inserir aqui. ✓ É um jeito irregular... Tentando delimitar quem pode frequentar a praia da Cinelândia. Isso daí pra mim, eu acho esquisito, é algo que, eu acho assim... Um ponto crítico né. ✓ Existem uma segmentação, tipo, pera aí, como é que a gente faz para regular quem frequenta a praia da Cinelândia. E de repente da noite para o dia, aqui tá super policiado. ✓ A não, tem gente aqui muito da periferia que tá vindo para a Cinelândia e ai a gente tem que segmentar isso aqui por quê? ✓ E tá tendo batida, mas é só para um grupo específico, não de forma geral, ampla. ✓ Então, eu gostaria que no final de semana não tivesse aquele pessoal ali. Bebendo, fumando e jogando e brigando.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir do relato dos colaboradores entendemos que a Praia da Cinelândia é frequentada por um público diverso durante a semana e aos finais de semana. Também entendemos que uma parte significativa dos frequentadores são do próprio bairro de Atalaia, local de expansão e valorização imobiliária.

Figura 09: Passarela na Praia da Cinelândia e expansão imobiliária do bairro de Atalaia.



Fonte: Acervo da pesquisa.

Também entendemos que as pessoas que frequentam a Praia da Cinelândia tipicamente fazem uso das estruturas existentes, especialmente as barracas de praia, os comércios fixos, as quadras e a ciclovia, além da própria praia para caminhadas, surfe e outras atividades físicas e práticas lúdicas. Mas há uma assincronia nesta ordem: aos finais de semana, especialmente aos domingos, a Praia da Cinelândia se transforma em um ponto de encontro de jovens, inclusive muitos que habitam bairros periféricos de Aracaju e que normalmente não frequentam a Orla de Atalaia.

Ao contrário do que muitos pensam, os frequentadores aqui, tem muitas pessoas de classe média e de classe alta, que são moradores aqui da Atalaia. A única coisa que difere é no domingo à tarde, que passa a ser as pessoas das periferias, eles chegam e acabam ocupando a parte da praia e no final do dia fazem a ocupação do local aqui (risos), que é o que difere, mas todos os outros dias da semana são pessoas que frequentam caminhando, pedalando ou até mesmo com os carros, jogando futevôlei, são essas pessoas de classe média alta. (Comerciante).

O espaço é transformado em um palco diferente do usual – e por usual entenda-se o espaço como ele é concebido e vivenciado na maior parte do tempo. Pereira (2012) faz uma descrição de como estas apropriações diversas da Praia da Cinelândia acontecem a depender do dia da semana e do horário do dia em sua dissertação de mestrado. Muda-se a música, os movimentos, as relações, as interações, as normas, as moralidades e suas concepções de positivities e negatividades.

Os acontecimentos de assincronia social tipicamente evidenciam os conflitos da sociedade, inclusive os mais velados (a pandemia do COVID-19 é um bom exemplo – ver RODRIGUES; LOWAN-TRUDEAU, 2021). Resgatando a epígrafe do início da descrição desta categoria e voltando ao Quadro 03, alguns dos conflitos da Praia da Cinelândia ficam bem evidentes: (a) a poluição visual da praia como um problema de organização e consciência ‘da galera’, com destaque ao que ocorre aos finais de semana; (b) a maior tranquilidade durante a semana, contrastada com a ‘baderna’ dos finais de semana, com destaque ao policiamento na área apenas aos finais de semana; (c) a regulação de acesso explicitamente direcionada a um público específico. Algumas falas dos comerciantes reforçam o conflito em evidência:

E o que precisa melhorar também aqui é o combate as drogas, no domingo mesmo que aqui é uma situação muito difícil entendeu?

É muito, muito... atrapalha o comercio entendeu?! Muita gente aí brigando, prostituição, é... uma droga pesada, é... tudo isso aqui está precisando melhorar entendeu?

Eu mudaria só o dia de domingo que é o dia que os menores ficam aqui fazendo baderna e algazarra, e isso atrapalha muito o comércio. Mas tirando isso, tá tudo muito bem
(Comerciantes).

Os conflitos evidenciados são socioambientais. A crescente valorização da praia como espaço/produto do lazer e da saúde cria demandas e tendências à criação de estruturas direcionadas ao lazer e à saúde, assim como à valorização das habitações mais próximas ao espaço da praia (processo acelerado também pela criação de estruturas de acesso e de serviços próxima à praia). Uma das consequências deste processo é a gentrificação de pessoas que não possuem o capital econômico para acompanhar estas tendências, as afastando da praia.

Entre as problemáticas sociais da gentrificação destacamos, com este exemplo, a injustiça ambiental, especialmente na perspectiva do racismo ambiental, uma vez que as pessoas que moram nas periferias da cidade não possuem o ‘privilégio’ do acesso à praia (ou, ampliando a discussão, à natureza). Por um lado, pelas dificuldades de deslocamento até a praia (lembrando que o terminal de ônibus mais próximo da Praia da Cinelândia fica a 1.6km de distância). Por outro, tão limitante quanto, pelas estruturas simbólicas que inibem

a presença de pessoas que não se identificam com a ordem normativa do território. Entre as unidades de significado do Quadro 02, na descrição da categoria anterior, podemos observar várias falas a favor de mais estrutura, ou de uma melhor estrutura. Com base na discussão proposta nessa categoria as questões que ficam são: Quais seriam as consequências socioambientais da Praia da Cinelândia com o aumento ou a melhoria das estruturas? Como tais consequências afetariam as diferentes pessoas que frequentam a Praia da Cinelândia?

A Praia da Cinelândia como comércio

Bares, quiosques e barracas de praia; carrinhos de drinks; aulas de surfe e aluguel de bicicletas ou máscaras de mergulho; ambulantes oferecendo água, cerveja e chá mate, picolés, docinhos e cocadas, espetinhos e empadas de camarão, queijo de coalho na brasa e mini acarajés, cangas e chapéus, caixinhas de som e suportes para celular, sândalo da Amazônia, bronzeadores e protetores solares, colarzinhos de missanga e brincos de pena. Os produtos variam de acordo com a geografia e cultura local, mas o comércio faz parte da concepção de praia do brasileiro. Como já discutido, a naturalização (no sentido bourdieusiano) do comércio em praias brasileiras diz muito sobre a representação social de praia no âmbito da cultura brasileira. O questionamento popular (que parte da comunidade) em relação a estruturas comerciais na praia não é algo comum no Brasil, evidenciando uma complacência moral com esta realidade. Bem diferente, por exemplo, do já citado exemplo da Austrália, evidenciando que a cultura de praia australiana é diferente, construída a partir de outros códigos morais. Mas a ausência da manifestação popular contra o comércio na praia não significa a ausência completa de conflitos.

Em artigo publicado em 2019, Sartore, Pereira e Rodrigues debatem o caso de uma ação promovida pelo Ministério Público do Brasil (MP) advogando pela demolição de quase 50 bares de praia no litoral de Aracaju. A ação, baseada em justificativas ambientais, estava associada a um movimento mais amplo do MP sobre as estruturas comerciais construídas em áreas de marinha do litoral brasileiro, resultando na demolição de várias destas estruturas em diferentes estados do Brasil (SARTORE; PEREIRA; RODRIGUES, 2019).

Tendo vivido este período da ação em Aracaju, inclusive tendo o caso como tema de pesquisa (válido para dois dos autores deste artigo) e compreendendo o impacto da potencial demolição dos bares nas vivências diárias da comunidade local, foi surpreendendo observar como o caso não ganhou muita notoriedade como conflito da comunidade. No geral, o caso se desenrolou como algo entre o MP e a os donos de bares de praia de Aracaju. Considerando que a problemática do comércio na praia parece envolver mais diretamente os órgãos públicos responsáveis pela aplicação das leis que garantem o acesso livre, irrestrito e gratuito ao espaço público e os comerciantes que ocupam o espaço público com estruturas privadas, o Quadro 04 apresenta unidades de significado dos comerciantes colaboradores da pesquisa, oferecendo alguns indicativos de possíveis conflitos sobre o processo de ocupação comercial da Praia da Cinelândia.

Quadro 04: Unidades de significado dos comerciantes colaboradores da pesquisa.

<p>Processo de apropriação</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Desde setembro do ano passado a gente veio e pegou uma parte aqui do ponto para vender e comercializar os nossos produtos. ✓ De julho para cá, a gente conseguiu a licença do espaço todo, e estamos agora também comercializando coco e águas e tudo mais. ✓ Há mais ou menos uns 5 ou 6 anos começou a vir mais vendedores. ✓ Comecei vendendo geladinho, aí do geladinho passei a ter as barracas aqui na praia da Cinelândia né. ✓ Aqui no quiosque eu trabalho tem 5 anos. Mas já trabalhava antes na areia da praia. ✓ Eu vendo batatinha frita e também tenho a minha barraquinha de bebida e comida. ✓ A questão só essa, que agora impede da gente tá passando com os carrinhos pela passarela, agora a gente passa pela areia. ✓ Eles dividiram o estacionamento na metade, pra poder ficar a gente pelo nosso lado e o pessoal, os turistas estacionar lá. ✓ Mudou as barracas lá embaixo, está padronizada, não está mais dormindo mais. Tá recolhendo as barracas pra não ficar feio pros turistas. ✓ Se fosse pra mudar, eu gostaria que eles dessem as barracas novas para todo mundo, como eles prometeu, da as barracas, mesas, sombreiros, todos cadastrado. ✓ Cadastraram todo mundo certinho, pra nós pagar os impostos, até agora eles não fizeram nada disso, nós tá tudo aguardando. ✓ Assim tipo as barracas pra gente poder trabalhar, cada um ter sua barraca fixa, pra gente não ficar com aquele negócio, tira e coloca todos os dias, entendeu, isso.
<p>Sentimento de pertencimento</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Há 20 anos eu estou aqui, aqui começou a Cinelândia com a sorveteria. ✓ Eu sou um dos fundadores mais antigos, vendedor da Cinelândia. ✓ Trabalho aqui desde novo, eu vivo para lá e para cá, direto. ✓ É... Diante mão, é... Toda vida eu andei aqui né? Quando era jovem e depois de casado também né, é. ✓ Sempre fui frequentador da praia da Cinelândia, desde quando aqui não era calçado, era areia ainda, era uma pista só.

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aí daí em diante estou aqui todos os dias de segunda a domingo, aí minha rotina é essa aqui. ✓ Tem mais de 40 anos que cheguei aqui. ✓ Eu estou aqui desde os 12 anos, não mudou nada, a mesma coisa.
Subsistência	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aí é o meio de vida da pessoa que é ambulante né, individual né. ✓ Eu sou vendedor de queijo, aí vivo aqui na correria, para lá e para cá, vendendo queijinho. ✓ Essa praia aqui é melhor para se trabalhar, para ganhar dinheiro. ✓ E aí continua vendendo seus produtos e ganhando seu modo de vida.
Autorização para ocupar	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sim, a prefeitura e a EMSURB, que nos concedeu a autorização. ✓ Não precisa não, a pessoa só marca o local, aí vem o fiscal faz o cadastro. ✓ A pessoa continua vindo todos os dias né, mas depois que tiver já com o ponto fixo, pode vir sábado e domingo e feriado. ✓ Um respeitam outros não, vão até brigar pelo ponto, aperta um pouquinho ele, eu preciso viver também. ✓ De vez em quando não, a EMSURB já passou aqui, já pegou a documentação de todo mundo. Mas eu ainda, não regulou ninguém ainda não, nós tá esperando aí. ✓ Tem também, tá tudo lá, na EMSURB, pra eles resolver o que é que vai fazer pra nós aí. ✓ Foi o prefeito que instalou nós aqui. ✓ Precisou ir na EMSURB, para eles autorizar pra gente ficar trabalhando aqui. ✓ A autorização é da prefeitura. ✓ Sim! A EMSURB precisou autorizar.
Pré-requisito para ocupar o espaço	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Tem uma taxa para ficar, na prefeitura também. ✓ Não paga, eles querem a praia limpa, deixando a praia limpa e pegar o lixinho do chão né. ✓ Por enquanto não. Os documentos tão tudo lá na EMSURB. Para eles resolverem o que vai fazer. ✓ Por enquanto não, porque está em processo ainda para legalizar a questão de vigilância sanitária e outras coisas mais. Mas vamos pagar, todo mundo vai pagar. ✓ Ainda não cobram, ainda no momento não. ✓ Sim, todos os comércios pagam. ✓ Qualquer carrinho, quiosque que tiver aqui na calçada paga. ✓ Tem a arrecadação, aí todo mês você recebe um boleto cobrando sua taxa. ✓ Ainda não. Ainda não, mas vai ter. ✓ Não, não. A nós aqui não cobra não.
Tempo de ocupação do espaço	<ul style="list-style-type: none"> ✓ A nossa é por tempo indeterminado, não sei te dizer o que difere. ✓ Não tem prazo, a gente tem que armar às 6 horas e desarmar às 18 horas. ✓ Não, está sem prazo. ✓ Tem um período, tá na justiça devido a isso, entendeu. Eles querem que a gente saia, que todo mundo saia daqui, do local, mas tá na justiça ainda. ✓ A gente antigamente tinha barraca, ficava tudo aqui na areia, na faixa né, mas agora a gente tira, fica estrutura móvel. ✓ Tira e coloca todos os dias, eles proporcionaram isso pra gente, pra gente poder trabalhar. ✓ São permanentes. Esses quiosques aqui são os mais velhos da orla, entendeu? ✓ Porque no começo a gente não podia fechar, hoje a gente já pode fechar de 4 da manhã até meio dia. Porque se a gente fechar muito tempo, pode ser que eles levem o trailer entendeu? ✓ Não. Eles querem que bote a barraca aí depois que acabar o movimento, levar de volta.

Fonte: Elaborado pelos autores.

As primeiras unidades de significado do Quadro 04, associadas ao processo de apropriação comercial da Praia da Cinelândia, é uma pequena amostra da amplitude de possibilidades comerciais associadas à praia (juntando-se ao parágrafo introdutório da descrição da presente categoria). Nesse sentido, a praia é vista como um campo de oportunidades aberto à criatividade do vendedor que observa atentamente as demandas de um mercado em potencial. A apropriação do espaço está intimamente ligada a um sentimento de pertencimento e à percepção do direito à exploração da terra para a subsistência, como evidenciado pelas unidades de significado seguintes do Quadro 04. De fato, os proprietários de comércios nas praias de Aracaju, especialmente os mais antigos, são tipicamente pessoas locais, inclusive dos bares de praia no litoral sul (SARTORE; LEITE; RODRIGUES, 2023). Há, nesse sentido, um direcionamento ao sagrado na percepção do direito ao uso da terra para a subsistência, criando-se uma distinção simbólica com o profano do lucro capitalista representado por bares mais recentes moldados pela lógica dos *beach clubs* europeus, alguns inclusive tendo europeus como proprietários (SARTORE; LEITE; RODRIGUES, 2023).

Mas quando entramos no plano prático destas dinâmicas de ocupação, nos deparamos com uma verdadeira miscelânea. As unidades de significado associadas às dinâmicas de ocupação (necessidade de autorização formalizada, definição de pré-requisitos para se candidatar à ocupação do espaço, determinação ou regulamentação de tempo de ocupação do espaço) formam uma Torre de Babel, a ponto de não termos dados consistentes o suficiente para afirmar qualquer padrão, a não ser a falta de padrão. Trabalhamos com duas hipóteses: (a) diferentes estabelecimentos estão operando sob diferentes normativas, incluindo a possibilidade de alguns já terem se deparado com fiscalizações e outros não; (b) parte dos proprietários podem ter ficado receosos em revelar dados que poderiam prejudicá-los de alguma maneira, fabricando respostas para se protegerem.

O que fica evidente é que não há uma regulamentação padronizada para a legalização de estabelecimentos comerciais na Praia da Cinelândia, ou pelo menos uma fiscalização que garanta a regulamentação. Se houvesse uma regulamentação que garantisse a legalidade da ocupação teríamos uma padronização nas respostas dos colaboradores, não havendo também motivos para possivelmente fabricarem respostas que possam protegê-los (se esse foi de fato o caso, lembrando que esta foi apenas uma

hipótese levantada). A falta de regulamentação gera uma relação confusa entre o poder público e os comerciantes, explícito em algumas falas que evidenciam diálogos e acordos sobre onde e como os comerciantes podem se estabelecer, ao mesmo tempo em que há a instalação de barreiras para evitar que os comerciantes usem a passarela de madeira.

Figura 10: Barreiras para evitar utilização da passarela por proprietários de barracas de praia.



Fonte: Acervo da pesquisa.

Uma atuação mais presente do poder público poderia trazer importantes benefícios socioambientais para a Praia da Cinelândia, independente da normativa exercida. Por um lado, a proibição da ocupação do espaço público por estruturas privadas garantiria o acesso livre, irrestrito e gratuito ao local, assim como a possibilidade de ampliação da estrutura pública, como banheiros, vestiários e estruturas de apoio para ações de bombeiros e salva-vidas, incluindo iniciativas educativas, como dinâmicas associadas à sensibilização ambiental e vivências de ensino de práticas corporais, por exemplo, natação em águas abertas e surfe. Por outro lado, a normatização do comércio, por exemplo, por licitação pública garantiria a ordenação do espaço (em oposição à ocupação desordenada), a definição de critérios para fiscalização periódica (com base no contrato de licitação), a possibilidade de profissionalização dos comerciantes (trazendo benefícios para os comerciantes e para o público) e a participação ativa da comunidade no processo de configuração do espaço. Sobre o último ponto, há um grande potencial ecopedagógico na criação de dinâmicas de participação pública na definição dos critérios para elaboração das licitações públicas e na escolha dos empreendimentos que ocuparão os espaços públicos, colocando os conflitos de interesse e as disputas simbólicas de significação da praia em evidência.

Conclusões

Como principais resultados da pesquisa apresentada neste artigo, destaca-se: (a) a ocupação da Praia da Cinelândia é heterogênea, especialmente aos finais de semana, constituindo um território de pluralidades; (b) a heterogeneidade da ocupação da Praia da Cinelândia resulta em uma cartografia social que reúne diferentes percepções socioambientais sobre a praia, sendo palco de atribuições morais contraditórias sobre os sujeitos da ocupação e os usos do território; (c) há uma tensão evidente sobre a limitação do acesso à população de baixa renda, com notável gentrificação simbólica; (d) no que tange aos comerciantes, há uma tentativa por parte do poder público de limitar o processo de ocupação, porém, de forma desorganizada, com tentativas de criação de barreiras e expulsão simbólica representada por dificuldade no acesso e permanência de comerciantes na praia; (e) a formulação de políticas públicas específicas para a gestão dos espaços da praia da Cinelândia, especialmente no que se refere às ocupações comerciais na praia, podem ser representativas como importante processo ecopedagógico no qual diferentes atores que frequentam a praia poderiam ser envolvidos nas decisões que terão influência direta nas percepções socioambientais desse espaço.

O imaginário lúdico associado à praia pode gerar uma percepção de trivialidade em relação a este espaço. No entanto, se retomarmos a perspectiva da 'natureza como espaço público' construída a partir da nuvem de palavras associada aos discursos coletados na pesquisa (Figura 03), a praia é a melhor opção de acesso à natureza como espaço público em cidades litorâneas, juntamente com os parques urbanos. Os espaços públicos percebidos como natureza em contextos urbanos, especialmente em cidades maiores, possuem um enorme valor ecológico, especialmente compreendendo-se as dificuldades de acesso da maior parte da população urbana a áreas verdes fora das cidades, geralmente o caso de parques estaduais e nacionais, por exemplo. Nesse sentido, a discussão sobre a ocupação (inclusive comercial) da praia deve ser enquadrada no âmbito dos conflitos socioambientais, uma vez que as dinâmicas de ocupação presentes condicionam as próprias percepções socioambientais de praia e, mais amplamente, de natureza.

Referências

AUSTRALIA STATE OF THE ENVIRONMENT. **Population**. 2021. Disponível em: <https://soe.dcceew.gov.au/coasts/pressures/population>. Acessado em: 25 de mar. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidente da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 20 mar. 2023.

CANAPARO, C. **Geo-epistemology: Latin America and the location of location of knowledge**. Oxford: Peter Lang, 2009.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

BROWN, C. S.; TOADVINE, T. **Eco-Phenomenology: Back to the earth itself**. Albany: State University of New York Press, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

DREW, P. **The coast dwellers: Australians living on the edge**. Ringwood: Penguin, 1994.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 2 ed. São Paulo: Olho d'Água, 2013.

HUNTSMAN, L. **Sand in our souls: the beach in Australian history**. Melbourne: Melbourne University Press, 2001.

INGOLD, T. **Being alive: Essays on movement, knowledge and description**. Abingdon: Routledge, 2011.

INGOLD, T. **The perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill**. Abingdon: Routledge, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Boletim de sondagem de Agências e Operadores de Turismo no Brasil**. Brasília: Ministério do Turismo, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/observatorio/sondagem-empresarial/agencias/sondagem-empresarial-agencias-e-organizacao-de-viagens-2013-primeira-edicao-2022/sondagem-agencias-brasil-agencias-e-organizacao-de-viagens-1a-etapa-2022.pdf>. Acessado em: 31 mar. 2023.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Anuário Estatístico de Turismo 2020 - Ano Base 2021**. Brasília: Ministério do Turismo, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/observatorio/anuario-estatistico>. Acessado em: 31 mar. 2023.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, v.9, n.2, p.191-211. 2003.

NUNES, C. Infonet: Orla AJU: **favela na praia e ocupação em estacionamento. Omissão PMA!** Seção Blogs, 17 fev. 2021. 2021a. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/orla-aju-favela-na-praia-e-ocupacao-em-estacionamento-omissao-pma/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

NUNES, C. Infonet: **Orla Cinelândia: retirar favela e padronizar algumas barracas móveis**. Seção Blogs, 22 fev. 2021b. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/orla-cinelandia-retirar-favela-e-padronizar-algumas-barracas-moveis/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **The Ocean Conference. Ocean fact sheet package**. 2017. Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/wp-content/uploads/2017/05/Ocean-fact-sheet-package.pdf>. Acessado em: 31 mar. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **The Ocean Conference. Facts and figures**. 2020. Disponível em: <https://www.un.org/en/conferences/ocean2022/facts-figures>. Acessado em: 31 mar. 2023.

PAYNE, P. Critical curriculum theory and slow ecopedagogical activism. **Australian Journal of Environmental Education**, v.31, n.2, 165–193, 2015. DOI:10.1017/aee.2015.32.

PAYNE, P. (Un)timely ecophenomenological framings of environmental education research. In: STEVENSON, R. B. et al. **International Handbook of Research on Environmental Education**. New York: Routledge Publishers, 2013. p.424-437.

PAYNE, P. et al. Affectivity in environmental education research. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.13, n.esp., p.93-114, 2018.

PEREIRA, S. A. **Urbanização litorânea: o sentido público da Orla de Atalaia**. 2012. 158 f. Dissertação (Pós-Graduação em Antropologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

PEYVEL, E. Mui Ne (Vietnam): deux approches différenciées de la plage par les touristes occidentaux et domestiques. **Géographie et cultures**, v.67, 2008.

RODRIGUES, C. A ecomotricidade na apreensão da natureza: inter-ação como experiência lúdica e ecológica. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v.51, p.8-23, 2019a.

RODRIGUES, C. **Atividades alternativas e meio ambiente**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2019b.

RODRIGUES, C. MovementScapes as ecomotricity in ecopedagogy. **The Journal of Environmental Education**, v.49, n.2, p.88-102, 2018.

RODRIGUES, C.; LOWAN-TRUDEAU, G. Global politics of the COVID-19 pandemic, and other current issues of environmental justice. **The Journal of Environmental Education**, v.52, n.5, p.293–302, 2021.

SANTOS, J. J.; SILVA, G. M. Cartografia social: o mapa como construção cultural e exercício do poder. **Geografares**, n.20, p.21–29, 2015.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, V. P. **Mapeamento das intencionalidades socioambientais de ocupação da Praia da Cinelândia em Aracaju-SE**. 2022. 169f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

SARTORE, M. S.; ARAUJO, S. P.; RODRIGUES, C. Aracaju beach bars as a contested market: conflicts and overlaps between market and nature. **Ocean & Coastal Management**, v.179, 2019.

SARTORE, M. S.; COFFEY, B. Markets on the edge: Beach kiosk TripAdvisor consumer online reviews as dataset to compare Australian and Brazilian beachfront collective representations. **Politica & Sociedade**, v.18, n.43, 2019.

SARTORE, M. S.; LEITE, E. S.; RODRIGUES, C. Economic evaluation rationalities: How life trajectories shape beach commerce as seen through the bourdieusian framework. **Mondes du Tourisme**, 2023.

SÉRGIO, M. **Um corte epistemológico: da educação física à motricidade humana**. 2 ed. Bobadela: Instituto Piaget, 2003.

SILVA, C. A. S.; SCHIPPER, I. Cartografia da Ação Social: Reflexão e criatividade no contato da escola com a cidade. **Revista Tamoios**, v.8, n.1, p.25-39, 2012.

STEVAUX, R. P.; RODRIGUES, C. Com-vivência, educação e lazer: construindo processos educativos a partir da diversidade cultural. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL: EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 6, São Cristóvão-SE. **Anais...São Cristóvão**, 2012. p.1-11.

URBAIN, J-D. **Sur la plage**. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2002.

WINTON, T. **Land's edge: a coastal memoir**. Ringwood: Penguin, 1993.